

A SEXUALIDADE POR ENTRE AS MÁQUINAS DESEJANTES: NAS LINHAS DE CORRESPONDÊNCIAS

Marcelo Valente de Souza¹

Resumo: A presente escritura objetiva, por meios de três cartas, movimentar o pensamento para além da representação, destacando a ideia de sexualidade desreferenciada dos modos edificantes para atravessá-la pelos mapas da diferença. Toma-se como suporte teórico a Filosofia da Diferença de Deleuze. Sem promessas, ou aportes analíticos conclusivos, a sexualidade é atravessada por máquinas desejantes que não receiam deslocamentos aberrantes e devires.

Palavras-chave: Sexualidade; cartas; Máquinas Desejantes.

I

16 de maio de 2015

Oi,

Em uma tarde, depois de tomar uma garrafa de vinho, sentei ao lado da janela do meu escritório, contemplando o mar, fiz a abertura de duas cartas deixadas em minha mesa. No dia anterior senti a inocência das flores, pois todo o meu corpo cotejava a potência da libido líquida, aquela que vai atravessando o corpo sem código, sem lei... Sem confissões, pois a ética me proíbe entrar no moralismo. Pensei: a sexualidade não passa por uma infraestrutura naquilo que maquina a máquina desejante, também não pode ser posta como uma energia de transformação, de sublimação, de culpabilidade e de neutralização. A sexualidade só pode ser entendida como um fluxo que atravessa a máquina corporal, que agencia o fora, as vizinhanças, que faz o corpo vibrar por entre os padrões edificantes, ela desestabiliza a forma e a fôrma modelar... O corpo maquinado por seus fluxos desejantes emite partículas que entre elas vulcaniza expressões moleculares, pois como dizem Deleuze e Guattari “que triste ideia do amor, fazer dele apenas uma relação entre duas pessoas” (2010, p. 124). Ainda na esteira destes autores, a sexualidade movimenta, agencia e faz vizinhanças ou mesmo conjugações, que não estão ligadas apenas a um sujeito, ou dois, pois nos dois, ou mais de dois atravessam misturas variadas que podem se conjugar para depois, quem sabe formar linhas de devires, devir-mulher, devir-criança, devir-flor... Não há homem e mulher como entidades presos em um bloco de sexo binário ou sexualidade... Com Deleuze e Guattari (2010) a sexualidade é fluxo, assim, como o sexo é mutável, pois quem pode dizer que não se é composto de linhas, ou de devires? ...Abro as cartas!

II

14 de abril de 2015

Início esta carta tomada por uma onda que rompe com a linearidade de uma vida emoldurada, para falar de sensações, de como exercitei e exercito a minha sexualidade. Fui “catequizada” numa lógica heteronormativa, ensinaram-me desde muito cedo que as relações amorosas e sexuais normais ocorrem entre um homem e uma mulher, que devem obedecer a regras e normas aceitas pela família e sociedade, como a monogamia, o amor romântico e a fidelidade. Durante um longo período da minha vida tentei seguir esta lógica, mas em alguns

¹ Graduado em Pedagogia e em Artes pela UNAMA-Universidade do Amazonas, mestre em Educação pela Universidade Estadual do Pará-UEPA, Doutorando em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Pará, professor da Estácio de Sá-Belém. E-mail: marcelo_boto@yahoo.com.br.

momentos fiz movimentos que extravasaram qualquer tentativa de contenção do desejo, os quais foram revirando concepções sobre como viver a minha sexualidade.

Fragmentos contraditórios entrelaçados! A hegemonia do pênis sempre me incomodou, toda relação sexual tinha que finalizar com a penetração deste órgão na vagina até que, das glândulas conectadas a ele, pudesse se extrair a prova cabal de que o ato foi satisfatório. Jorra o sêmen!

Não sinto aversão ao pênis, nem ao sêmen. No entanto meu corpo produz outros desejos, outras excitações e sensações movimentadas por outros encontros, outras vibrações. Sem fazer rompimentos radicais com esse contexto experimentei pela primeira vez me relacionar sexualmente com uma mulher. Não havia mais a repetição do velho ritual: beijos, carícias, ereção, penetração e ejaculação. Eu estava experimentando outras maneiras de prazer! Mas, só restou uma vaga sensação de “ousei”, as expectativas foram frustradas e ainda nutri por um longo tempo um sentimento de culpa (vou virar homossexual?) misturado com uma satisfação muito íntima por ter tido a coragem de viver aquela situação.

De volta ao mundo hetero! Mundos das formas adequadas! Se por um lado o sentimento de culpa foi expurgado, por outro meu corpo pedia outros prazeres, desejava transitar por outros territórios. O desejo foi maior que o “bom senso” imposto, envolvi-me novamente com uma mulher, não me apaixonei a ponto de querer investir naquela relação, mas me permiti experimentar com mais profundidade as novas sensações. Gostei! Mas, em pouco tempo se tornou insustentável (...).

Não existe uma receita para o orgasmo, não existem manuais para o desejo. Pênis, vaginas, mamilos, ânus, bocas, mãos, nucas, joelhos, virilhas, costas, testas, ouvidos, olhos... uma multiplicidade de combinações possíveis para exercitar a sexualidade. O que importa é o desejo (...) Consegui romper com a concepção de que existe uma maneira certa de se relacionar sexualmente.

Tirei do pedestal a penetração do pênis na vagina! Não quero dizer com isso que não seja prazeroso ser penetrada, sempre foi e ainda é... mas também é muito prazeroso tocar reciprocamente o clitóris, sentir os mamilos com os dedos e com a boca (...) São experimentações que o meu corpo desejou e deseja, das quais não posso fixar preferências. Atualmente gosto de me relacionar com uma mulher (...), mas não posso dizer que não vou me relacionar com homens. Não temos o controle sobre a produção dos nossos desejos.

Não acredito que a morfologia do corpo, um pênis ou uma vagina determine a produção do desejo e as sensações do prazer. Durante a minha infância, alheia as tantas regras e padrões do exercício da sexualidade, toquei e fui tocada por meninos e meninas. Brincadeira de criança! O corpo era livre, havia um trânsito de boas sensações apenas, sem a preocupação do certo ou errado, sem denominações ou taxações.

Se não fossem as regras, as normas, os padrões ditados para que possamos viver aceitavelmente nossa sexualidade, não elegeríamos órgãos do nosso corpo para serem os portadores das senhas do prazer. (Zaíra, Enfermeira, 40 anos)

III

A sexualidade sempre foi um tema instigante e interessante para mim desde muito jovem. Com meus vinte e poucos anos eu já sabia que não era para mim essa ideia de ter um casamento tradicional. Nunca tive vontade de ser mãe, ou ser dona de casa. Tinha vontade de fazer viagens, conhecer lugares, pessoas diferentes. Não importava para mim se eram homens, mulheres, gays... O que me interessava nas minhas relações com pessoas era o modo com que essas pessoas sentem e compreendem a vida. Fui casada durante 7 anos com um professor de geografia, durante a minha relação tivemos várias outras relações, algumas em conjunto, outras só, namorei uma moça por 1 ano, depois casei novamente com um médico, que namorava outra médica, ficamos juntos 4 anos... Eu nunca procurei saber se isso era confuso, ou não... até porque não vejo que seja. Eu vivo assim

e gosto de ter construído minha vida sexual dessa forma. Meu pai era professor de Filosofia e minha mãe era professora de dança. Em minha casa entrava todo tipo de gente, nunca vi meus pais falarem de modo pejorativo de ninguém. Diziam que as pessoas deveriam viver do seu modo, da sua maneira. (Carta de Roberta, professora de Educação Física)

Referências

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2010.